

# POR MULHERES NORTISTAS EXECUTIVAS E NÃO EXECUTADAS

## Uma Análise das Práticas Discursivas da Violência de Gênero nas Seletivas Estaduais para o Duelo MC's Nacional 2020

Thayllany Mattos dos Santos<sup>28</sup>  
Conrado Neves Sathler<sup>29</sup>

### Resumo

Este trabalho objetiva analisar discursivamente enunciados com sobreposições de gênero, raça e classe nas Seletivas Estaduais para o Duelo de MC's Nacional 2020. Tem como recorte as batalhas de rima na qual participaram MC's mulheres (trans, travestis e cis) da região norte. E considerando que, devido à pandemia, as atividades artístico-culturais do coletivo Família de Rua – organizadores do Duelo MC'S Nacional – foram (re)formatadas para os contextos digitais. A metodologia aplicada foi a dos Estudos Feministas Interseccionais e da Análise do Discurso com a intenção de produzir uma sensibilidade analítica das vivências enunciadas pelas MCs na apresentação pessoal e nas rimas e de compreender as possibilidades de trânsitos políticos de mulheres racializadas/es e dos impedimentos operados pelo controle do gênero, da sexualidade, do conhecimento e da subjetividade nas batalhas de MCs. Assim, como apontado pelas autoras feministas, nas batalhas de rap, tal qual outros lugares de produção cultural, a violência de gênero se encontra indissociada da constituição dos afetos

---

<sup>28</sup> Discente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Integra o grupo de Pesquisa: Território, Discurso e Identidade. Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/0560870150872805>>. E-mail: mattosdossantos11@gmail.com

<sup>29</sup> Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Docente na Graduação e no Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Currículo Lattes: <<http://lattes.cnpq.br/5995508592015142>>. E-mail: conradosathler@ufgd.edu.br.

concebidos como parte da normalidade social (Segato 2003; Gonzales 2020 e Akotirene 2019) e a matriz colonial de poder mantém estruturas fundantes do racismo e do sexismo como fontes (des)contínuas da subjugação e silenciamento de populações racializadas, em especial de mulheres negras (trans, travestis e cis).

**Palavras-chave:** Análise do Discurso; Movimento hip hop; Decolonialidade; Interseccionalidade.

## 1. INTRODUÇÃO

*A linha de fronteira se rompeu*<sup>30</sup>, as seletivas estaduais para o *Duelo MC's Nacional* 2020 ocorreram ao vivo e em contextos digitais devido à pandemia de COVID-19. O Coletivo *Família de Rua* produziu *batalhas de rimas* em condições atípicas, nas quais os duelos passaram a ser exibidos, ao vivo, pelo canal *Família de Rua* na Twitch TV. Uma característica importante das rodas culturais, dentre as batalhas de rap, é o encontro de ritmo, flow e poesia e, conseqüentemente, a aglomeração de pessoas. Com o impedimento pandêmico, o público passou a participar como *internauta* e o processo de votação aconteceu por meio de enquetes.

As seletivas estaduais foram (re)configuradas, da melhor forma possível, pela organização do evento. A presença da *plateia/público* foi deslocada para o contexto digital (Buzo 2010; Bruno 2013) evitando, assim, aglomeração no decorrer da pandemia, conseqüentemente, modificando a dinâmica e a interação de *MC's* nas *batalhas* e a lacuna da energia/afetamento da/o *plateia/público* que tende a direcionar o clima nos *duelos* de *MC's*.

A região Norte<sup>31</sup> foi a primeira a duelar nas seletivas. Nesse (re)configurar de edição, foi mantida a participação por estado de 1 *apresentador/a/e*, 1 *DJ*, 2 *juradas/es/os* e 8 *MC's* (além das pessoas responsáveis pelas gravações/filmagens), exceto por Rondônia, que teve a participação de 7 *MC's*, pois a *MC* Fernanda não pôde comparecer, sem apresentação de justificativas.

<sup>30</sup> Brisa Flow (2018). Música: Fique Viva. Disponível em: < <https://youtu.be/wRUzUsTdW0o> >

<sup>31</sup> Essa região se encontra dividida em sete estados. Mapa disponível em: < [https://qspod.saude.gov.br/extensions/covid-19\\_html/covid-19\\_html.html](https://qspod.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html) >

Nessa edição, o *Duelo Nacional* contou com a participação dos sete estados nortistas: Roraima (RO), Amapá (AP), Pará (PA), Amazonas (AM), Acre (AC), Rondônia (RO) e Tocantins (TO). A região comportou 7 *apresentadores* homens-cis, 7 *DJs* homens-cis, 14 *jurados/as*, sendo eles/a, 13 homens-cis e 1 mulher-cis do estado de Tocantins, no entanto sem a participação das *(mal)ditas minorias*<sup>32</sup> como *rimadoras*, tal qual o Amazonas, sem qualquer tipo de participação feminina e não-cisgênero.

Na região Norte, houve a participação de 55 MC's, entre eles/as, 49 homens-cis, 5 mulheres-cis e a MC Yara, a primeira travesti a representar o estado do Pará. Nessa composição, a *cultura Hip Hop* brasileira manteve em suas práticas discursivas os mecanismos de manutenção de poder das estruturas fóbicas sustentadas pelo cisheteropatriarcado, em contextos de produção cultural que oprimem mulheres, (de)limitando os espaços ocupados e os possíveis trânsitos políticos nas *batalhas de rimas*, sendo esses atravessamentos simultâneos (Akotirene 2019).

Ao constatar raro protagonismo de *rimadoras* (trans, travestis e cis) nas seletivas estaduais, exceto pelo Amazonas (AM) e Tocantins (TO) onde nem sequer estiveram presentes, ficou evidenciado que a cota para mulheres nas seletivas, em 2020, foi apresentada como estratégia de inclusão, mas foi pouco disseminada como processo de ocupação e resistência. Foram 2 vagas garantidas por estado, exceto pelo Acre que apresentou cena um pouco diferente nas *batalhas de rap*, contando apenas com 7 MC's e 1 vaga garantida para *rimadoras* na seletiva.

A conta é simples: 7 estados do Norte com oferta de 2 vagas por cota, exceto pelo Acre com 1, o total de *rimadoras* oportunizadas pela cota seria de 13 mulheres (trans, travestis e cis), no entanto, apenas 6 vagas (5 cis e 1 travesti) foram preenchidas. Embora exista participação expressiva de mulheres (trans, travestis e cis) na cena do rap nacional, facilmente verificada pelas redes sociais, entre elas, Instagram, Facebook e Youtube em campeonatos

---

<sup>32</sup> Usamos o conceito – em processo de construção pelo grupo TDI – *(mal)ditas minorias* como um recurso de ironia para o equivocada cisheteropatriarcal que ao se referir as mulheres racializadas/es (trans, travestis e cis) como minorias nos espaços de produção cultural, esquece de informar que o efeito do sexismo é uma das causas do manutenção das estruturas fóbicas, combatidas, por nós, em destaque, pesquisadoras racializadas/es (negras, indígenas, ribeirinhas, quilombolas, rurais, periféricas, imigrantes e pessoas com deficiência) por meio de estudos interseccionais apoiado pelas categorias analíticas, tal qual raça, classe e gênero.

nacionais, como a exemplo do Duelo MC's Nacional, elas são excluídas compulsivamente dos processos de pré-seletiva pelos organizadores, jurados e público que tendem a favorecer homens-cis, independentemente da qualidade das rimas produzidas. Essa é uma expressão de como o machismo segrega corpos/as por via de uma estrutura elementar da violência de gênero que compreende mulheres-cis como propriedades privadas e mulheres trans e travestis como propriedades públicas. Assim, a subalternização contempla diferentes aspectos da vida social.

Portanto, questionamos os mecanismos e os recursos de integração *ativa/efetiva* de mulheres (trans, travestis e cis) utilizados nesses espaços de produção da *cultura marginal* por meio da análise discursiva dos enunciados apresentados nos duelos. Para isso, recorreremos às intelectuais racializadas/es, em especial, as intelectuais negras do movimento feminista negro interseccional, movimento que enfrenta a árdua missão de superar, (des)construir e subverter os atingimentos sociais vivenciados pelas populações racializadas/es — as mais acidentadas em avenidas identitárias — visto que o sistema cisheteropatriarcal colonialista e capitalista opera exclusões pelas vias políticas, culturais, econômicas, raciais e de gênero.

A objetificação de mulheres na cultura brasileira gera afetamentos que comprometem a efetividade em diferentes setores da produção cultural. E, na cena do rap, ocupada majoritariamente por homens-cis, não é diferente. O coletivo *Família de Rua* contribuiu para evidenciar que aos homens-cis é dada a liberdade de permitir quando e como mulheres ocupam espaços de produção da cultura marginal. Com a pandemia e (re)adequação das seletivas estaduais para contextos digitais houve a necessidade de se pensar e agir instrumentos que possibilitassem a inclusão ativa e efetiva de mulheres (trans, travestis e cis) nesses espaços. No entanto, a Família de Rua ao abrir cota para rimadoras sem discutir as dimensões práticas da importância de suas participações abriu margem para homens-cis desenvolverem suas rimas contra mulheres com sentidos de inferiorização e deslegitimidade dessas ocupações, assim compreendemos que as limitações discursivas impostas pelo movimento que por sua vez deslegitima as rimadoras com práticas discursivas que as colocam em uma posição de vitimistas também minam potências, enquanto as mantém reduzidas como ocupantes e produtoras. Ao oferecer a cota muitos posicionamentos

contrários a inclusão dessas/es corpos/os foram utilizados quando conveniente permite a reprodução do discurso *vitimista* como forma de controle do processo de acesso e de ocupação efetiva de mulheres. Para, além disso, a escassez de *apresentadoras, DJs e Juradas* é uma forte expressão do contínuo processo de silenciamento das produtoras culturais em eventos nacionais, por vezes, total apagamento de suas escrituras<sup>33</sup>, como apontaremos em nossas análises.

## **2. O NORTE É RESISTÊNCIA: “POR PRETAS EXECUTIVAS E NÃO EXECUTADAS”**

As seletivas estaduais da região Norte para o *Duelo Nacional* aconteceram de 2 a 24 de outubro de 2020, por isso informaremos apenas os dias das *batalhas de MC's*, evitando repetições. A região Norte contempla diferentes dinâmicas relacionadas aos empreendimentos nos setores portuário, hidrelétrico, minerador e nas indústrias madeireira e do agronegócio que desencadeiam conflitos territoriais, políticos, econômicos e culturais complexos e de difícil compreensão analítica (inter)nacional, pois nelas desconsideram relações preexistentes entre grupos sociais e dinâmicas emergentes, assim como subestimam a estrutura elementar da violência de gênero que afeta, principalmente, mulheres racializadas/es sobreviventes dessa dinâmica exploratória desigual que insiste em subalternizar de nossos corpos/as.

A posição conflituosa da região Norte impõe às populações indígenas, ribeirinhas, caboclas, quilombolas, rurais e urbanas periféricas constante deslocamento político e de resistência em diferentes áreas do domínio da vida social. Nós mulheres somos corpos vitimados a enfrentar cotidianamente a violência cis-têmica cisheteropatriarcal facilmente observada pelos números que gritam denunciando os corpos/as silenciados/es, como nos crimes de violência domésticas, contra dignidade humana, nos assassinatos por transfobia, misoginia e racismo que afetam as (mal)ditas minorias por vias físicas e psicológicas e

---

<sup>33</sup> De acordo com Conceição Evaristo (2015) a escritura é marcada pela condição da mulher negra em uma sociedade sexista preconceituosa, apontando para uma dupla dimensão: cada um escreve o mundo que enfrenta e é a vida que se escreve na vivência de cada pessoa.

também pelos discursos excludentes, políticas de segregação, exploração sexual, estupro e (trans)feminicídio (Segato 2003; Jesus 2018; Antra 2021).

Vale considerar, ainda, que as maiores taxas de homicídio são de pessoas racializadas/es, em principal, pessoas negras e a maior concentração da violência de gênero, de acordo com IPEA (2020), pertence às regiões Norte e Nordeste. Infelizmente, RR foi a Unidade Federativa (UF) com a maior taxa, em 2018, alcançando a taxa de 87,5%, seguida pelo Rio Grande do Norte, com 71,6%, que foi também o único estado brasileiro a não participar das seletivas estaduais para o *Duelo de MC's*.

O estado de RR foi o primeiro a *duelar*. O evento foi sediado na capital Boa Vista e, coincidentemente, como registrado no atlas da violência 2020, foi o estado que apresentou maior índice de (trans)feminicídio no país, tendo índice quase 5 vezes superior às demais regiões do Brasil. Em relação aos anos anteriores, RR apresentou aumento da violência contra as mulheres na ordem de 51,3%, influenciada, certamente, pelas relações de fronteira com a Venezuela, país vizinho em contínuo processo migratório.

Nesse período, RR teve aumento substancial de casos e de óbitos pela covid-19. Apesar disso, levantou reflexões e intervenções de políticas públicas de preservação à vida pelo surpreendente aumento da violência doméstica contra mulheres e crianças que chegou a níveis exorbitantes. Esse dado demonstra o controle de corpos no âmbito privado e a contínua apropriação do corpo de mulheres (trans, travestis e cis) e de crianças como “propriedades privadas” passíveis de controle e agressão, permitidas pela violência de gênero.

De acordo com os dados da Polícia Militar (RR), cerca de 11,92 mulheres sofreram, diariamente, violência doméstica, em 2020. Esses dados podem não refletir a violência no estado, considerando a subnotificação nos registros oficiais. O mês mais violento em RR foi outubro de 2020, com 472 registros de agressão. Nesse mês, provavelmente sem saber, *MC Rafa Black* representou a resistência das mulheres nortistas, confrontou a estrutura cisheteropatriarcal e se posicionou contra o machismo, o sexismo e a segregação de mulheres negras nos espaços de produção intelectual periférica no campo da cultura marcando, assim, sua participação como uma fonte da luta das mulheres por liberdade, acesso, dignidade, equidade e segurança, independente dos lugares ocupados e funções sociais que cumpram.

A seletiva de RR no dia 2 (sexta-feira), marcou a 1ª final estadual do *Duelo de MC's*. A MC Rafa Black foi a primeira mulher negra a *batalhar* pela classificação, chegando a grande final e disputando uma vaga no Nacional contra o MC BMC. A MC Rafa Black, mulher negra, nortista e periférica não venceu naquela noite, ainda assim deixou a plena sensação de que mulheres negras são fonte de resistência, luta e conhecimento e a sua fala transmitiu a sensação dolorosa contida no silenciamento, ainda sustentados por estruturas fóbicas.

No dia 4 (domingo) aconteceu a 2ª seletiva, a do Amapá (AP) e a MC Ysa foi a representante das *minas*<sup>34</sup>. As duas primeiras *batalhas* foram transmitidas pelo Youtube no canal da *Família de Rua* e pelo aplicativo GDC Live, nesse período disponível apenas para Iphone. Ao analisarmos as informações do Atlas da Violência 2020, observamos outra repetição, Amapá foi a UF a lograr o segundo maior aumento na taxa de homicídios em 2018, com mais de 7%, também influenciado pelos países fronteiriços.

Crimes violentos têm aumentado nos últimos anos, aumento motivado pelas altas taxas de pobreza, desemprego e desigualdade econômica, política e cultural marcada também pelos processos da migração e do tráfico ilegal de mercadorias e pessoas, ocorridos ao longo da fronteira com o Brasil (Atlas da Violência, 2020). Por mais contraditório que pareçam os dados apresentados a seguir, o Amapá apresentou reduções expressivas nas taxas de homicídios de mulheres entre 2017 e 2018 e, mesmo com a redução de 45,3%, não se encontra entre os mais pacíficos, mas obteve resultados considerados significativos diante do número populacional e das condições de fronteira.

No dia 9 (sexta-feira), aconteceu a 3ª seletiva, a do Pará (PA) e a MC Yara foi a primeira travesti a se apresentar pelo estado representando as *monas*. De acordo com o dossiê do ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais) 2020, o Brasil é o país que mais mata pessoas Travestis e Trans no mundo. Caiu da 55ª posição, em 2018, para 69ª, em 2019, sendo um dos países mais inseguros, intolerantes e preconceituosos para se viver as liberdades de expressão e de gênero.

---

<sup>34</sup> Representa mulheres (travestis, trans, não-binárias, cis e racializadas/es).

Para nós, reagentes a esse processo segregador, a *MC Yara* é fonte de aprendizado, resistência e luta perante a cisheteronorma que deslegitima e silencia mulheres negras por meio de discursos adoecedores que incentivam a violência e a impunidade dos crimes cometidos contra essas #vidasimportam. Queremos, antes de tudo, nos responsabilizar pelas vidas perdidas, no sentido de que somos e fazemos parte de um *cis-tema* (trans)fóbico que mata indiscriminadamente Travestis, Trans e Não-Binárias, simplesmente, pela vontade de controle e pela estagnação de políticas públicas que trabalham pela conscientização das diferenças de gênero, incluindo a não-cisgeneridade, assegurando a inclusão social desse/a grupo/a nos currículos escolares, o acesso e a garantia de direitos.

Enfatizamos o já dito pela ANTRA, o Brasil é o único país no mundo com a presença de Travestis. E, para nós, a existência de transgêneros não está na condição de negociação e, sim, na condição de dignidade de ser e existir. Por isso, nós nos mantemos contra qualquer tipo de exclusão de estudos de gênero nas escolas, universidades públicas e privadas, pois entendemos que não se constroem políticas de acesso sem o direito à informação e à exigência de respeito.

Entendamos, ser travesti é assumir uma identidade ladino-americana (Abya-Yala) como já intuía Lélia Gonzalez (2020). Ser/estar travesti é um posicionamento político e é, portanto, uma reivindicação de outras simbologias. Caminhamos para a (des)construção da história negada dessas pessoas que morreram e continuam sendo mortas resistindo e para a constituição de uma resistência para que todes (re)existam com liberdade e possam gozar da vida de forma plena, digna e segura, mas não é certo que precisem ser sacrificadas como rituais de expurgo de homens-cis reprimidos em suas masculinidades tóxicas.

No dia 10 (sábado), o estado do Amazonas nos surpreendeu, pois não houve a presença de mulheres nem como *apresentadora/e*, *Dj*, *MC's* e/ou *Juradas/es*, a produção cultural de mulheres, nesse contexto, simplesmente não existiu. Estou na posição de pesquisadora Amazônida, nasci no Amazonas, na cidade de Manaus, cidade responsável por sediar a seletiva mais excludente dessa edição. Sou *cria* do tapajós, cabocla e ribeirinha por formação e permanência, santarena pela captura mocoronga de ser/estar no social, em outras

palavras, amazo-paraense. O meu conceito social é nortista. Portanto, faço parte das pessoas racializadas/es excluídas dos espaços culturais dentre tantos outros, e ousou falar, todos.

Carregamos as *rimas* silenciadas, a experiência de vida recusada de ser lembrada na história, a fala que ninguém se interessou por incluir nos registros. Queremos acesso e respeito. *A quebrada produz e é de qualidade*<sup>35</sup>, ou seja, nossas escrituras importam. As *MCs* ameríndias, indígenas, quilombolas, caboclas e ribeirinhas... existem no Amazonas e são numerosas as *caminhadas* que contribuem de diferentes formas e em diferentes contextos, no entanto, são apagadas pelos processos coloniais, segregadores e violentos (Fanon 2010; Segato 2003; Segato 2016).

A Amazônia feminista é luta, é sangue derramado, é rio fluido, é mãe natureza, é cura e libertação, é resistência e muita América do sul. Nós somos a Abya-Yala. Perceber nas seletivas a ausência de mulheres racializadas/es (trans, travestis e cis) é um doloroso marcador das desigualdades de gênero e social. A Amazônia que me pariu foi, também, a que me negou acesso e reconhecimento de falas e rimas na construção de seus enunciados. O *Movimento Hip-Hop* operou exclusão generalizada de gênero quando poderia ter pensado diferentes formas de inclusão ativa e efetiva de corpos/as (re)negados/as pela constante estrutura fóbica (Segato 2003; Segato 2005; Fravet-Saada 2005; Spivack 2010; Filho 2019; Mignolo 2008).

De acordo com Ministério da Saúde (2020), o Amazonas colapsou com os casos de Covid-19, não se tratou de emergência, mas calamidade pública. Isso ocorreu, devido à infraestrutura de saúde ser precária e genocida. Os corpos mais atingidos, os nossos. Isso porque, as cidades menores não contam com hospitais próprios e os atendimentos são encaminhados à capital, evidenciando um projeto racista, machista e sexista que nos afeta.

No dia 11 (domingo) aconteceu a 5ª seletiva, a do Acre (AC) e a *MC Drika* foi a representante das *minas*. O AC apresentou uma realidade diferente da cena das *batalhas*, mas, ainda assim, a cota de 1 vaga para o estado foi ocupada. Essa seletiva diferenciou-se das

---

<sup>35</sup> Marina Peralta (2016). Música: Agradece. Disponível em: < <https://youtu.be/6Ujj5QyMKug> >

demais narrativas regionais. O AC é o segundo estado do Brasil com maior número de (trans)feminicídio, sendo uma localidade de insegurança para as mulheres e para as travestis.

O (trans)feminicídio é o mais alto grau da violência, a morte é o encerramento da vida, mas seus estágios envolvem diferentes níveis de agressão: física, psicológica, moral e patrimonial. O AC lidera o *ranking* de violência contra mulheres há pelo menos seis anos sem perspectiva de melhora. A pandemia intensificou os casos de violência no país e o AC se encontrou na necessidade iminente de desenvolver e articular uma rede de proteção às mulheres, incluindo os sistemas jurídico e assistencial. Nesse período, foram criadas formas de vincular os dados aos canais de denúncia, proporcionando amparo, assistência e enfrentamento da violência de maneira mais assertiva. Uma das iniciativas do Ministério Público Estadual foi a criação de um aplicativo facilitador de denúncias de violência contra mulheres, violência sexual e LGBTIfobia.

A 6ª seletiva, de Rondônia (RO), aconteceu no dia 12 (segunda-feira), as duas classificações asseguradas por cota foram preenchidas pelas MC Fernanda e MC Nanda, mas por motivos não especificados pelo apresentador do evento, a MC Fernanda não pôde comparecer. RO, assim como todos os outros estados da região Norte, teve aumento e agravamento da Covid-19, assim como da violência doméstica. Foram registradas 9.815 agressões, manteve número próximo dos 9.994 registros de 2019. No entanto, embora tenha havido esse menor registro da violência, os casos de feminicídio aumentaram cerca de 50%. Isso atribuiu ao estado a 14ª posição no ranking de estados que mais mataram mulheres em 2020 (se isso é pesado de se ler, imagina ser mulher e não saber o quanto pode ser pesado de viver). Os meses de setembro e outubro foram os mais violentos.

Por fim, a última seletiva foi a do Tocantins (TO) e aconteceu no dia 24 (sábado). A seletiva foi antecedida por quatro outras de estados não pertencentes à região Norte (2 MS, 1 MG e 1 Distrito Federal). Rosana foi a única jurada técnica (Cis) da região Norte. Não houve a presença de mulheres apresentadoras, Djs e MC's embora, a MC Faby estivesse classificada pela cota não pôde comparecer por questões pessoais não especificadas. De acordo com o Atlas da Violência (2020), o TO ocupou a terceira posição dos casos de

homicídio de mulheres, com aumento de 21,4%. Na pandemia, em 2020, houve salto de 67% dos casos de violência doméstica, estupro e feminicídio, em relação ao ano anterior.

Ressaltamos que grupos de monitoramento da violência doméstica se organizaram durante a pandemia para oferecer suporte nas cinco regiões do país. A iniciativa representou uma parceria inédita entre mídias independentes: Amazônia Real, sediada no Amazonas; Agência Eco Nordeste, no Ceará; Marco Zero Conteúdo, em Pernambuco, #Colabora, no Rio de Janeiro; AzMina e Ponte Jornalismo em São Paulo e Portal Catarinas, em Santa Catarina. Contemplando a série organizada “um vírus e duas Guerras”, objetivando visibilizar esse fenômeno silencioso que a violência doméstica física e psicológica, de violências sexuais e de gênero e, em última instância, o (trans)feminicídio, fortalecendo a rede de apoio com a intenção de fomentar debates, a criação, manutenção e intervenção de políticas públicas de prevenção à violência institucional e familiar que recai propositalmente sobre nós (mulheres).

Por isso, questionamos a efetividade dos mecanismos de inclusão de *internautas*, *MC's*, *juradas/es/os*, *apresentadoras/es* e *Dj's*, pensada e agida pela organização do evento a partir das exclusões operadas passíveis de observação em seu decorrer. Para além disso, as identidades binárias informadas pela noção de homem e mulher não contemplam a complexidade de atravessamentos políticos, raciais, econômicos e corpóreos marcados pela cisheteronorma.

### **3. PRIMEIRA FASE: “TEVE QUE COLOCAR COTA PRA BOTAR MINA”**

“A interseccionalidade nos mostra como e quando mulheres negras são discriminadas e estão mais vezes posicionadas em avenidas identitárias, que farão delas vulneráveis à colisão das estruturas e fluxos modernos” (Akotirene 2019:37). Para compreender as colisões das mulheres atingidas em avenidas identitárias, procuramos, por meio dos enunciados das seletivas do Norte, expor as práticas discursivas orientadas por racismo e sexismo relacionados e respaldados em acepções estruturadas na cisheteronorma.

O discurso é o nosso objeto de análise. Embora, consideremos a língua, o texto e a fala elementos linguísticos necessários, entendemos que o registro material se implica em

uma exterioridade discursiva de aspectos culturais e socioideológicos. Assim, observamos que em diferentes contextos sociais existem *sujeitos*<sup>36</sup> atravessadas/es/os por diferentes situações de conflito, divergências e oposições acerca de um mesmo tema. Os emaranhados enunciativos revelam a linguagem como forma de manutenção do poder colonialista que, tendo homens-cis como reprodutores do sexismo, dificultam a efetividade das rimadoras na produção da cultura marginal. “Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectivas quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra no Brasil, repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no nível mais alto de opressão” (Gonzalez 2020:50).

Nas seletivas da região Norte estiveram na *atividade* as *MCs*: *MC Rafa Black* (RR), *MC Ysa* (AP), *MC Yara* (PA) e *MC Drika* (AC), em RO, a *MC Nanda* ganhou de W.O, pois a *MC Fernanda* não pôde comparecer. Nos estados do Amazonas (AM) e Tocantins (TO) não houve a presença das *(mal)ditas minorias*. Sabemos que as sociedades ocidentalizadas se organizam por meio de procedimentos de exclusão, principalmente das mulheres racializadas/es (trans, travestis e cis), evidenciadas nas posições de poder que são/estão familiares àquilo que entendemos ser o interdito.

Separamos trechos discursivos que escancaram o totem e o tabu, o ritual da circunstância e o direito privilegiado ou exclusivo do *sujeito* que fala em um arranjo estruturado em três tipos de interditos: os que se cruzam, os que se reforçam e os que se compensam, formados por uma rede complexa em (des)contínua modificação que atinge e provoca readaptações e resistências subjetivas. Esses jogos de interesse são/estão estruturados no patriarcado que se (re)produz como ser desejante e explorador que tende a ser refletido em um certo tipo de subjetividade capitalística. Essas subjetividades têm sido tendenciadas por estruturas fóbicas que manipulam e controlam as mídias sociais e os meios

---

<sup>36</sup> Em uma carta à edição brasileira a ser anexada no livro, *Memória da Plantação: Episódios de racismo cotidiano*, Kilomba (2019) crítica a profunda falta de reflexão e teorização da história e das heranças coloniais e patriarcais “no original inglês, o termo *subject* não tem gênero. No entanto, a sua tradução corrente em português é reduzida ao gênero masculino – o *sujeito* –, sem permitir variações no gênero feminino – a *sujeita* –, ou nos vários gêneros *LGBTQTIA+* – *xs* *sujeitxs* –, que seriam identificadas como erros ortográficos.” Pela urgência de se encontrar novas terminologias que incluam as diferenças de gênero a escritora opta por colocar *sujeitos* em itálico, tal qual esse estudo, a modo de ser mais inclusivo.

de comunicação que são/estão tensionados por campos mais sensíveis, como o da sexualidade e o da política, nos quais a sexualidade se desarma e a política se pacifica.

A análise dos enunciados de *MC's* performa as organizações sócio-geo-ideológicas do grupo e permite um entendimento das ferramentas e recursos utilizados pela cisheteronorma para a continuidade do exercício privilegiado de subjugação em relação a autonomia de mulheres, incluindo-as ou descartando-as quando preciso. Dessa forma, (des)continuamente, representantes da produção periférica se mostram reprodutores do machismo, negam a potência dos enunciados das *MC's* e deslegitimam suas *trajetórias* na produção artístico-cultural por meio do sexismo que reduz trânsitos políticos e atinge pessoas não enquadradas no *cis-tema* instituído.

O discurso é muito mais do que o sentido presente nas palavras, *rimas* e gestos, é também o modo de produção pelo qual e com o qual se luta, é o próprio mecanismo de manutenção de poder que *produz* desejos, *distribui* intenções e *consume* subjetividades. O discurso patriarcal representa os interditos, tudo aquilo que se encontra proibido no campo da linguagem, mas tende a tensionar as relações com atingimentos, revelações e deslocamentos (vinculados ao desejo e ao poder). As mulheres racializadas/es ao rimarem nas *batalhas de MC's* estão (des)construindo categorias fóbicas e sendo afetadas por elas.

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, (LGBT), pessoas deficientes, indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. Visto isto, não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo (Akotirene 2019:16).

Em RR, houve a participação de apenas 1 rimadora, a MC Rafa Black. Na primeira fase da seletiva, ela duelou contra o Menor *MC*. O Menor *MC* na primeira *rima desenrola*: *cê é a Rafa Black? Minha rima aqui dispara, se fosse pra vim ela, eu preferia muita a Zara*. Nessa fala, observamos três mecanismos: negação, substituição e deslocamento.

O mecanismo de negação presente na *rima*: *se fosse pra vim ela, eu preferia muito a Zara*. Aqui a *MC Rafa Black* é sujeita secundária na construção da narrativa e sua presença

expressa no enunciado: *se fosse pra vim ela* é a representação de uma ocupação indevida, pois ao afirmar: *se fosse*, indica que não era para a MC Rafa Black estar ali, então essa presença é negada. Além disso, o MC posiciona um limite de *trânsitos políticos* para mulheres, as duas MC's não poderiam ocupar o mesmo espaço, embora houvesse duas vagas destinadas por meio da cota para elas. Ainda na frase: *se fosse pra vim ela, eu preferia muito a Zara*, a MC sofre um deslocamento narrativo pela concepção do Eu de que a Zara representaria uma preferência pessoal do MC, por fim, sendo substituída pelo *se fosse pra vim ela, eu preferia* como representação de um sexismo estrutural que facilmente descarta mulheres e as substituem por outras, não as permitindo ocupar e permanecer no mesmo lugar de produção artístico-cultural, a não ser que sejam cotadas e que essas cotas sigam incompletas pelo *cis-tema* de substituição compulsória.

O Menor MC continuou: *o cabelo é black! Ela é preta na intercalada, vou te falar uma coisa aqui nessa parada, sinceramente, esse é o argumento, há diferença de quem é preto por fora e de quem é preto por dentro*. Nessa colocação, os atingimentos do racismo são/estão (re)produzidos também por pessoas racializadas/es, indicam um problema essencialmente estrutural construído a fim de favorecer políticas segregadoras de práticas discursivas racistas. O racismo é um tipo de discurso de ódio que atinge pessoas racializadas/es, em especial as negras e indígenas, e gera afetamentos emocionais em toda (des)construção favorável à aceitação do Eu. O racismo, por fator cor modifica a relação das pessoas com a sua própria corporeidade, é gerador de distorções de imagem e o ódio pela autoimagem torna-se, portanto, inaceitável e pelo contínuo potencial destrutivo e marginaliza-a-dor.

Vivemos em um país que se nega a aceitar o racismo como estrutural e se responsabilizar pelas atitudes reprodutoras. E, mesmo quando posiciona estratégias de combate, tende a convertê-las ao esquecimento. A *Família de Rua* havia posicionado regras de conduta antirracistas, antifascistas e anti-lgbtqiap+fóbicas para rimadoras/es em suas redes sociais, mas, na prática, após os incidentes não houve notas e ou (in)formativas sobre a recorrência dessas *atitudes* contrárias ao *ensinamento* do *movimento* como forma de estabelecer diretrizes efetivas mais inclusivas para as mulheres racializadas/es.

A MC Rafa Black constrói uma das denúncias mais subversivas sobre a cota para mulheres das seletivas estaduais 2020, em sua *rima* ela *cobra conduta*: *Agora sim, a gente tá em pé de igualdade, equidade, teve que colocar cota para botar mina porque aqui vocês não nos integram, então, agora, tô representando (trecho inaudível), represento Elas*. Analisamos o enunciado da MC compreendendo que a *rima* busca refletir as práticas de inclusão e exclusão de mulheres em espaços de produção cultural dominados por homens-cis. Em seguida, o Menor MC, argumentou: *geral conhece ela, truta, eu sou artista! Rafa Black na pista é a maior vitimista*. O rimador se posiciona como legítimo e questiona a ocupação da MC Rafa Black, posicionando-a como: *a maior vitimista*, prática discursiva frequente nas *batalhas* de *rimas* de homens-cis que oprimem mulheres (trans, travestis e cis).

A palavra *vitimista* é utilizada por *rimadores* independentemente dos sentidos observados nas rimas construídas por mulheres nos *duelos*, essa utilização (re)apresenta um sintoma social da resistência patriarcal (des)contínua à participação das MC's. A interpretação dos rimadores deslegitima as práticas discursivas das *caminhadas* narradas pelas *rimadoras/ies* e as posicionam como mulheres em busca de *hype* como se elas falseassem suas próprias narrativas para ocupar esse lugar.

A presença das mulheres nos espaços de produção cultural adota posicionamento político feminista *cobrando conduta* por meio de *raciocínio avançado*, causando desconforto naqueles que não abrem mão de seus privilégios. No entanto, para os *rimadores* reprodutores do *cis-tema*, as MC's são incapazes de *passar a visão* por meio de suas *rimas* e, até mesmo, de produzir *rimas verdadeiras* e, em alguns casos, posicionadas como *atrás do lado do movimento*, entendidas como participantes das *batalhas* para desmobilizar a *plateia/público* e representar uma falsa *caminhada*. Nesse caso específico a palavra *vitimista* faz menção direta a participação das MC's por meio da cota para mulheres.

A MC Rafa Black, em resposta, *explanou*: *Não, mano! Eu não sou vitimista, é você que não aguenta e tem postura de machista e, eu aponto, aqui é tipo um ponto, porque para macho escroto, nunca dou desconto*. A *rimadora* adota *atitude* contra colonial, uma postura que desobedece a estrutura epistêmica patriarcal, sendo esse corpo reflexo de ação reativa a

reafirmar a potência das mulheres nas *batalhas de MCs* e assume postura combatente às agressões insistentes pela resistência do corpo feminista que fala por si e de si.

O Menor *MC*, na sequência, constrói uma *rima* que contempla a estrutura patriarcal como todo, num discurso que objetifica, hipersexualiza e deslegitima a permanência de mulheres nos *duelos* de *MC's*, ele diz: *se o papo é mulher, respeito as mulheres, não é comer ou cozinhar, isso é bem mais do que talheres...* O *rimador* sabe, (in)conscientemente, que corre o risco de ser desclassificado por *atos* e *atitudes* sexistas, mas, não podendo conter a construção social que normaliza a objetificação do corpo da mulher negra – mulher para cozinhar ou para ser comida – a compara com instrumentos utilizados nas refeições e *estica as ideias... vitimista, o rap aqui é fluente, achamos aqui um Salvador<sup>37</sup> roraimense ...* insistindo que a *MC* relata agressões vivenciadas dentro do *movimento* adotando *atitude apelativa* sobre a própria *caminhada...* e, por fim, deslegitima a ancestralidade da *MC* com uma *rima* de conteúdo reprodutor racista: *é a Rafa Black, eu venho do gueto, é a Rafa Black que não honra os pretos.*

Na primeira fase da seletiva do AP, a *MC Ysa* foi representante das *manas*. O que nos chamou a atenção foi a diferença nos modos de tratamento dado pelo *apresentador* para *MC's*. Observamos no enunciado: *vamo lá, galera! Próximo MC da noite, é um MC muito conceituado, MC Naan Mosca e, para enfrentar esse gigante, ela que é um incentivo, certo?* nessa fala, a *MC* aparece subjugada pelo *cis-tema* como se sua ocupação por meio de cota fosse um *acontecimento de tabela* e, não, necessariamente, o *ato* de inclusão de uma produtora intelectual periférica, portanto essa fala do *apresentador* é uma demonstração da impossibilidade de subversão das instituições estruturadas no patriarcado e, ao afirmar, ser um *incentivo* dá uma amostra das violências sofridas pelas mulheres por todo país pelos *apresentadores, jurados, MC's e internautas* do *movimento*.

O *apresentador* continuou: *...Representando todas as mulheres aqui do Estado do Amapá, certo? Você que também é MC e tá de fora e tá assistindo aí fora..., tá mandando um salve pra todos os estados do Brasil, você que é da cultura hip-hop que prestigia e*

---

<sup>37</sup> Salvador da Rima é um *MC* nacionalmente conhecido.

*valoriza essa cultura de norte ao sul do Brasil. Satisfação, a Família de Rua por oportunizar homens e mulheres... vamo lá, MC Ysa!* Ou seja, houve a (des)construção narrativa da relevância do MC Naan Mosca, da importância da participação de outros *rimadores* nas seletivas estaduais, da colaboração da organização do evento para somente no final de toda uma *trajetória* discursiva retornar para a rimadora “*vamo lá MC Ysa!*”. É necessário atentarmos para o distanciamento narrativo de um MC “*conceituado*” para uma MC de *incentivo*. Consideramos a fala do apresentador machista, na medida em que provoca o efeito de sentido de negação das potencialidades da MC, fala sexista por tratá-la como um produto exclusivo do incentivo e não como uma legítima *rimadora*.

Características pontuais da construção narrativa na *rima* do MC Naan Mosca nos chamaram a atenção: *Né, Ysa, você aqui não é moleque... Ysa é maneira e pode pá, só que o freestyle, mano, é uma mulher, é aqui, só que o freestyle vem já engata, tu tinhas que representar, mas você rimando, elas não se sentem representadas*. A primeira característica foi que em nenhum momento o *rimador* chama Ysa de MC, o que desqualifica sua atuação como *rimadora*; a segunda, ele parece *em choque* por ser uma MC sua oponente *você não é moleque* e “*mano, é uma mulher*” e, por fim, ao afirmar *tu tinhas que representar, mas você rimando, elas não se sentem representadas*, deslegitima a participação da MC. Em resposta, a MC Ysa, *rima*: *...elas se sentem representadas sim e, na moral, já sabe esse que é o proceder, elas sentem é com vergonha de você...* A MC se posiciona como representante, pois afirma: “*elas se sentem representadas*” e, ao *explanar*: *esse que é o proceder faz cobrança da disciplina do movimento* e *continua*: *...ele falou tanto de representatividade feminina e agora segura que eu vou te falar, tô muito orgulhosa de tá aqui, só queria mais uma para te detonar*, a rimadora expressa sua *satisfação* de ter sido incluída na *função* o que lhe possibilitou *desenrolar de igual* a sua *correria* dentro do *movimento* e, ao completar as *rimas* possíveis no tempo de 45 segundos, reafirma o desejo de fazer jus à sua ocupação e *representatividade*.

A MC Yara, *Cabulosa*, a primeira Travesti a representar o estado do Pará. *Uma boa pra nós, irmã*. Aqui nos atentamos, primeiramente, à fala da MC quando ela diz: *Pra mim, é uma honra tá levando o nome das Travestis periféricas que tão no dia a dia lutando para*

*sobreviver, que fique bem claro, que é um direito básico de qualquer ser humano sobreviver e, é pra isso, que a gente luta todo dia e, é isso, tô muito feliz e vim para mostrar que Travesti, também, sabe fazer rima, sabe fazer freestyle e a gente é muito underground.* Esse enunciado da MC Yara é uma denúncia política às violências de gênero vivenciadas pelas travestis que são tratadas como *propriedades públicas* de homens-cis machistas, misóginos e sexistas.

Basta, lutamos pelo fim do derramamento de sangue de mulheres-travestis-trans-não-binárias-cis e, para os *atrasa lado*, nosso *bonde tá fechado* com a *correria*, não aceitamos desrespeito, pois *honramos o proceder* e estamos dispostas a *cobrar essa fita e entrar na mente* da sociedade pelo fim das instituições fóbicas que segregam corpos/os dissidentes. A MC Yara constrói um posicionamento político que denuncia as violências vivenciadas por travestis periféricas da região Norte em diferentes aspectos: *...vou mostrar como é que se faz o rap de quebrada, Travesti, cria da baixada...* Nessa rima, a MC se credencia como produtora intelectual marginal, *faz o rap de quebrada*, pertence a um território periférico, a MC Yara como *cria da baixada explana: essa que é a levada, aqui é representatividade, na atividade, quebrando esses MC's, que são idiotas, que não para pra me entender, representatividade nas costas que é pesada...*

Estamos de acordo com a MC Yara: - *representatividade nas costas que é pesada*, tal qual diria Monna Brutal: - *mas quero que tu saiba que tua guerra é minha guerra e diríamos aos (in)conscientes coletivos: - o Brasil é o país que mais mata travestis e trans no mundo na forte evolução de um plano genocida, sempre morreremos, ou degustaremos em vida, a morte.* Esse é um país intolerante que fez emergir da violência à resistência de ser/estar, não existe outro lugar no planeta em que exista travestis, é a subversão dissidente ao preconceito instituído. Mulheres de pênis são revolucionárias.

A MC Yara lança a boa: - *já falei essa que é a levada, quando eu pego no mic, eu represento minhas índias enterradas.* O vulgo MC Yara tem origem indígena amazônica, seu nome vem de Iuara que significa: aquela que mora nas águas, representa uma mulher originária desse solo, corajosa e guerreira, faz parte da lenda conhecida por todo país, sendo, portanto, o vulgo um ato de resistência. Quando a MC rima: *represento minhas índias enterradas*, ela retoma o (re)positivo de Célia Xakriabá, enaltece as populações tradicionais

e subverte em narrativa a segregação de mulheres indígenas. Para nós, é uma das denúncias mais tocantes das seletivas estaduais, diante de um cenário político sangrento que tenta a qualquer custo um marco temporal<sup>38</sup> sobre o território nacional que nunca nos pertenceu, esse solo pertence aos encantados e aos povos originários tradicionais dessa terra. Surara<sup>39</sup>!

Em resposta, o MC THG *explana: na moral, cê fala que é Travesti, quem é Yara? nunca será Monna Brutal*<sup>40</sup>. Aqui encontramos um sintoma da violência de gênero: a comparação contínua das *caminhadas* e *evoluções* das *manas* em forma de sua substituição nos espaços de produção cultural. Se para o Menor MC foi preciso dizer: *se fosse pra vim ela, eu preferia muito a Zara*, para o MC THG: *quem é Yara? nunca será Monna Brutal*, negar a potência de Monna Brutal lhe foi inviável, mas tentar *minar a evolução* da MC Yara pela via discursiva cria uma possibilidade de exclusão *nunca será Monna Brutal*. O rimador continua: *você falou que eu sou THG, já que tu é Travesti, eu tenho orgulho de você*. A expressão paraense, *já que tu é*, é comumente utilizada para se referir com desdém às pessoas homossexuais ou ofender heterossexuais, nesse caso, uma *atitude* como essa pode ser considerada um ato transfóbico dissimulado como *improviso*. Essa *rima* tem o efeito de sentido de não reconhecimento da identidade de gênero das mulheres travestis e trans e, além disso, põe em marcha a subalternização de corpos/os dissidentes e, por fim, representa uma sobreposição do *rimador* em relação à *MC*, pois ele *age* como se fosse um ato de honraria *rimar* contra ele.

A MC Yara na sequência constrói a *rima*: *...pode pá, tu entra em declínio por respeitar as Travesti, obrigada, por fazer o mínimo, pode pá, cê não entende, essa que é a dicção, estar no mesmo espaço não quer dizer união...* Os movimentos feministas interseccionais antirracistas e de defesa dos Direitos LGBTQIAP+ são contemplados pela fala da MC Yara e a exclusão compulsória de MC's por motivações diversas, entre elas, os aglomerados de exclusões impulsionados pelas *estruturas fóbicas*.

<sup>38</sup> Marco temporal é um desrespeito a CF-88 e uma perseguição aberta aos povos originários desse país.

<sup>39</sup> Em Nheengatu, a língua geral indígena na região Amazônica, quer dizer: Guerreira(e/o).

<sup>40</sup> Uma das maiores representantes das travestis periféricas a nível nacional na cena do rap e das batalhas de mcs, máximo respeito! Braba. Cabulosa.

Na *rima explanada*: *tu entra em declínio por respeitar as Travesti, obrigada, por fazer o mínimo*, entendemos o efeito de denúncia *efetiva* aos *rimadores* que ao participarem das *batalhas* se dizem favoráveis à anulação das *estruturas fóbicas*, mas não são/estão combatentes às segregações e na prática permanecem alheios às violências por elas/os vivenciadas/es. A *MC rima*: *pode pá, cê não entende, essa que é a dicção, estar no mesmo espaço não quer dizer união*, indica, nesse caso, a palavra *dicção* ter sentido de *proceder* e a *MC* posiciona a *rima* do oponente como um *improviso* que não *honra o compromisso* e que se encontra desalinhada com a sua *trajetória* de luta das travestis excluídas/es dos espaços de produção da cultura marginal, afirmando: *estar no mesmo espaço não quer dizer união* e, com isso, a *rima* produz uma distinção: estar no mesmo campo não significa cumprir as regras do mesmo jogo, ou ainda, afirmar-se não racista não implica na atitude antirracista, por exemplo.

A seletiva do Estado do Amazonas (AM), no dia 10 de outubro, nos surpreendeu por não haver, de nenhuma forma no espaço *ativo* e *efetivo*, a participação das *(mal)ditas minorias*. Essa data marca, também, o dia Nacional da Luta Contra a Violência à Mulher e, uma das formas mais violentas dentro dos espaços da *cultura Hip Hop*. Exemplo disso são as *batalhas de MC's* com a *exclusão* total dessas mulheres (trans, travestis e cis). E ainda há produtores culturais que se apegam ao discurso *vitimista* para se referir às *caminhadas* das *manas* e potencializar os *cis-temas* de exclusão. O mesmo aconteceu no Tocantins (TO) com a diferença de que houve a presença de uma *jurada/e*, o que não nos trouxe o sentimento de satisfação, mas sim, de confirmação: as estruturas fóbicas formam aglomerados de exclusão ocupados principalmente por mulheres (trans, travestis e cis) que são/estão sendo desmobilizadas/es como produtoras de conhecimento nas *batalhas de MC's*.

O *duelo* do Acre (AC) pode/deve ser considerado um dos mais *disciplinados* da região Norte, pois *honrou a conduta da rua* e manteve o *respeito mútuo*, por isso, decidimos *explanar a ideia rimada* da *MC Drika*: *...essa daqui é a minha resposta, vim aqui pra falar que as manas também têm ideia monstra*. Aqui podemos perceber uma tentativa de legitimação com a expressão *também têm*, enquanto os homens-cis já estão na posição de credenciados as mulheres são testadas/es continuamente em um processo de (in)validação

que se repete nesses espaços. A *rima desenrola: Cê sabe, não me ilude, tá ligado, feminilidade com atitude*. A colocação da *MC* representa o lugar de fala da mulher que *pensa e age* pela sua *efetividade* nos espaços culturais e combate processos de exclusão na *feminilidade com atitude*.

No sorteio da seletiva de Rondônia (RO), disputariam a classificação *MC Nanda* e *MC Fernanda*, mas, como a *MC Fernanda* não pôde comparecer, ganhou por W.O a *MC Nanda*. Assim se encerrou a primeira fase das estaduais e, das *MC's* participantes, apenas *MC Rafa Black* (RR) e *MC Nanda* (RO) foram classificadas para a semifinal.

#### **4. SEMIFINAL: “BATALHOU COMIGO, VOCÊ ARRANJOU TRETA, PORQUE HOJE EU TÔ PIQUE PSICOPRETA”**

Consideramos a semifinal disputada por *MC Rafa Black* e *MC Alface chave* por representar a *disciplina* do movimento com *respeito mútuo*, mas não podemos deixar de analisar os efeitos discursivos da repetição da expressão *vitimista* em confronto anterior na construção narrativa da *MC Rafa Black* presente nesse *duelo*.

A *MC Rafa Black* ao rimar: *pode falar que aqui eu tô propícia para ganhar e mostrar que eu não sou só vitimista* improvisa um manifesto (in)consciente dos afetamentos da violência de gênero que ao *entrar na mente* a atingiu pela via da repetição fazendo-a *botar fé* que a sua *representatividade* esteve por vezes desalinhada ao *ensinamento* da família de rua, tal qual diria a Cypher Psicopretas “*quer julgar a minha história, não sabe a minha caminhada*”. Quando a *MC Rafa Black* diz: *tô propícia para ganhar e mostrar que eu não sou só vitimista*, a *MC desacredita* da sua trajetória de luta como mulher negra, do seu posicionamento político feminista e da sua consciência de classe. Essa fala não é um discurso de si, é a *energia* da palavra do *atrasa lado* que *pesa na mente*. Do ponto de vista da dinâmica subjetiva pensamos: - *MC Rafa Black*, tu não és *vitimista*, tu és a representação da força do empoderamento da mulher negra nos espaços da cultura.

No decorrer da história ocidentalizada o patriarcado vem desmobilizando mulheres racializadas/es de diversas formas, entre elas, a escravização da força de trabalho e a

exploração sexual, física e emocional e também pela contínua subalternização discursiva de mulheres negras, como no uso da palavra *vitimista* que, ao *entrar na mente* da MC, causa afetamentos na construção do *improviso* e gera o manifesto que, na forma de um ato falho, reflete a insistência de homens-cis em colocá-la no lugar de subalterna, mas como a própria MC Rafa Black *explana: batalhou comigo, você arranhou treta, porque hoje eu tô pique psicopreta.*

Não foi preciso que o MC Alface rimasse *vitimista* e, ainda assim, a palavra acabou exercendo um poder em seu imaginário. Muitas mulheres costumam apresentar a síndrome da impostora, desacreditar das próprias potencialidades, ficando insatisfeitas com suas produções e desconfiando da originalidade de suas ações. Isso acontece frequentemente, pois a violência de gênero é inseparável da constituição dos afetos, costuma “vigiar e punir<sup>41</sup>” as mulheres racializadas/es, desconsiderando suas atuações, impõem limitações próprias das estruturas fóbicas e agressões vivenciadas/es em diferentes lugares e dinâmicas sociais. Mulheres são silenciadas/es por serem mulheres. Mulheres negras são apagadas por serem negras.

A semifinal de Rondônia (RO) disputada por MC Nanda e MC Origem mostrou *conduta*, uma *batalha* de ataque e resposta *comprometida* em *passar a visão* da cultura Hip Hop. *Só agradece, família de rua*, por proporcionar momentos de aprendizado e de (des)construção pessoal e coletiva por meio de subversão narrativa de mulheres. A apresentação da MC Nanda foi um ato político de muitas formas, entre elas, a própria apresentação da *caminhada no movimento* como a(r)tivista dos Direitos Humanos e, ela fala: *Rimo nas batalhas de sangue, desde 2014, tem um movimento – Liberdade Já –, que surgiu pela moção dos 23 presos políticos em 2015, no Rio de Janeiro, acusadas/es/os de serem perigosas/es/os por exercerem o direito de ocupar as ruas em manifestação contra as políticas de exclusão, movimento liderado por uma mulher e em uma de suas rimas raras, a MC Nanda explana: ...no comando a gente faz a revolução, me diz aí o quê que você faz pela cultura? Se você pega o lixo e transforma ou é eleição imunda.* Em diversos momentos e em diferentes *batalhas*, MC's costumam perguntar: *o quê que você faz pela cultura?* mas é a primeira em

---

<sup>41</sup> Referência ao livro *Vigiar e Punir* (Foucault 1975).

que assistimos uma colocação com esse nível de pontualidade “*se você pega o lixo e transforma ou é eleição imunda*”.

O rimador Origem costuma *lançar a boa*, mandando as *punchline* e, em resposta, a MC Nanda rima: *Aí, tá devagar, a desvantagem é assim mesmo, eu sou mulher e, tá ligado que a coragem vem e não é cedo*. As MC's relatam que se sentem intimidadas, desqualificadas e excluídas por homens-cis nas *batalhas* e foi assim que na *batalha da Dominação* e na *Batalha D'elas* emergiram necessidades de construir um lugar seguro para mulheres racializadas/es e pessoas Não Binária com distanciamento da objetificação de corporeidade, comparação de suas *caminhadas* e desqualificação de suas falas.

Assim encerrou a semifinal e a MC Rafa Black foi a única representante da região Norte a ser classificada para final da seletiva estadual.

## 5. FINAL: “AQUI É HIP HOP, AQUI SOMOS NÓS!”

A região Norte vivencia um aglomerado de exclusões (vil)lentas, inclusive na construção do imaginário de outros Estados reprodutores de xenofobia, preconceito regional e racismo contra indígenas, ribeirinhas, caboclas, quilombolas e populações racializadas/es. Tendo em vista esse massacre histórico, a presença de uma mulher negra, moradora de uma das *quebradas* que mais mata mulheres no país, na final de uma seletiva estadual em um espaço ocupado majoritariamente por homens-cis se torna representação de uma resistência feminina nortista. *Só agradece, irmã! Seu corre pelo movimento mostra conduta e proceder. Mina chave, correria. Cabulosa. Respeito é pra quem tem!*

Na final da seletiva de RR, o MC BMC desenvolveu, primeiro, a *rima* que deveria ser de ataque, mas, se tornou um monólogo “*sou a cereja do bolo, sou a melhor rima, sou a melhor fala, a frase do pente, eu sou tudo que encaixa, eu sou 100 passos à frente*” e, nesse ritmo, o rimador continuou em *flow* e *poesia*. Dependendo da perspectiva de *juradas/es/os*, o MC poderia ter sido avaliado como descumpridor de uma das regras das seletivas: a de construir um *ataque* para que a MC pudesse desenvolver uma *resposta*, no entanto, há controvérsias, já que o não *ataque* direto pode ser considerado uma forma de *entrar na mente*

da oponente, fazendo-a desenvolver uma resposta-ataque, ou seja, pode ser também entendida como estratégia de *batalha*. Em resposta à estratégia do *rimador*, a MC Rafa Black enuncia: *Eu sou isso, eu sou aquilo, isso é algoz, aqui é Hip Hop, aqui somos nós! O movimento de cultura Hip Hop é composto pela (re)união de elementos – Grafite, B-Girl, B-Boy, Dj, MC e Skatistas – e participantes que correm pelo mesmo ideal, ou seja, a individualidade é uma contraposição à cultura de rua. A MC explica: não faz nada. Só, mano, encaixa no beat, nem me atacou, achando que aqui ia dar chique. Na rima “não faz nada” faz referência à caminhada do rimador pela cultura e prossegue: Só, mano, encaixa no beat significa dizer que o ritmo e flow estão desalinhados com a batida instrumental e, por fim, ela dispara: nem me atacou, achando que aqui ia dar chique, ou seja, a MC posiciona que o rimador desacreditou da sua potencialidade de construir uma rima de resposta ao seu ataque.*

No início da rima de ataque a MC Rafa Black explica: *Até dei uma travada, mas no final, dá nada, porque é a diferença que vem fazer improviso e quem faz na decorada.* Na rima “até dei uma travada” significa que a palavra não foi pronunciada da forma que deveria, saindo com um gaguejo, mas não sofre grandes alterações na avaliação de *juradas/es/os*, caso a mensagem seja transmitida *honrando o proceder* e de acordo com o *ensinamento do movimento*, ou seja, uma *rima verdadeira*, por isso, a *travada “no final, dá nada”* e, acrescenta: *porque é a diferença que vem fazer improviso e quem faz na decorada*, a MC se posiciona como participante que faz a *rima na hora* de acordo com a construção do oponente e com a *energia do duelo* e, nesse caso, desacredita que o oponente tenha feito a *rima de improviso*, ou seja, fez *rima decorada*.

No último verso, a MC entrega a *batalha*, rimando: *tudo bem! É meu amigo, nem sei o que vou mandar, mas, tudo bem, também é pra cobrar, então, mano, pode ir lá nos representar.* Ao *desacreditar* das próprias rimas, a MC concede um lugar de sobreposição para o *rimador* e entregar os pontos em uma *batalha* significa desistir da possibilidade de vencer e isso ocorre quando ela diz: *pode ir lá nos representar*. Entendemos que as estruturas fóbicas são *agidas* antes mesmo que as palavras ganhem forma, que as repetições das violências permanecem na memória de mulheres racializadas e são acessadas

independentemente da ação material que subalterniza suas participações, pois o contexto estruturado no patriarcado já é, por si só, uma desmobilização de mulheres que buscam efetividade nesses lugares de produção cultural.

Em resposta, o *rimador dispara: cê fica indignada porque minha rima te cobra, claro que não é Red Bull, Deus não dá asas à cobra*. Essa expressão é utilizada para se referir às pessoas que não são/estão merecedoras de conquistar poder. Nossa análise, busca outros sentidos atribuídos à cobra. Na bíblia Sagrada, por exemplo, os principais arquétipos femininos são Eva, Maria, Madalena e Dalila, a primeira trouxe o pecado à humanidade, a segunda trouxe ao mundo aquele que a libertaria de todos os pecados, a terceira foi adúltera e a última traiu Sansão, o escolhido de Deus, fazendo-o perder sua força pela desobediência aos ensinamentos. Assim como Eva, Madalena e Dalila, outras figuras femininas são/estão referidas nos contos bíblicos e não bíblicos como traidoras, pecadoras, indignas de confiança e escuta, refletidas atualmente nas linguagens pelas quais mulheres são desmobilizadas e silenciadas.

No entanto, a mitologia semita afirma ter existido uma primeira esposa de Adão, anterior a Eva, Lilith. Ela seria a serpente, o demônio da luxúria que seduz Eva e convence Adão a provar do fruto proibido. A cobra faz referência à traição, à mentira e, no caso, da rima: *minha rima te cobra, claro que não é Red Bull, Deus não dá asas à cobra*, significaria dizer que a MC Rafa Black na rima é uma farsante e, portanto, o lugar de representante não poderia lhe pertencer.

Entendemos que a *rima* construída é uma forma de utilização de expressões cotidianas para gerar familiaridade com *internautas* e *juradas/es/os*, mas as informações subliminares nas *mensagens* compõem uma estrutura patriarcal e de opressão às mulheres. A exemplo disso, há xingamentos deferidos a homens cujas referências são as mulheres, como: corno (referência à mulher traidora), filho da puta (referência à mãe com mais de um parceiro sexual), pau mandado (referência ao homem que costuma escutar mulheres), em uma (des)continuação não problematizada dos sentidos atribuídos às mulheres (in)diretamente, tal qual à cobra.

A MC Rafa Black não venceu a final, mas, para os movimentos feministas negros interseccionais, a participação ativa e efetiva da *rimadora* representa a ocupação da mulher preta nos espaços de produção intelectual periférica, portanto carrega *representatividade* e um sentimento coletivo de ser possível, de que nós podemos. A derrota nessa fase dava direito a uma repescagem, uma possibilidade de acesso a uma das seis vagas. Na *repescagem* estiveram inscritos 590 MC's, menos de 10% dessas ocupações foram de mulheres.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As (re)produções racistas e sexistas não estão suspensas quando as batalhas de MC's são (re)formatadas para os contextos digitais, inclusive multiplicam-se em acessos e compartilhamentos na internet, facilitadas pelas mídias sociais e plataformas digitais que se comunicam por extensões conectadas em rede. O uso indiscriminado da palavra *vitimista* nas *batalhas* de MC's é resultado de um processo de desmobilização geradas e (re)produzidas por homens-cis quando se trata da efetividade das mulheres racializadas/es nos movimentos de rua. No caso das seletivas estaduais 2020, a palavra *vitimista* foi usada para deslegitimar as MC's que acessaram as seletivas fazendo uso da cota para mulheres.

Nas seletivas estaduais 2020, houve a readequação das regras de participação de MC's na tentativa de reduzir as violências discursivas vivenciadas em duelos de *rima*. Nesse caso, a articulação do evento atingiu o objetivo, reduziu as violências e operou a inclusão das MC's, mas pouco estiveram na composição do evento em outras atividades como Dj's, apresentadoras e juradas. As organizações de *batalhas* de alguns estados brasileiros tiveram *atitudes* contrárias ao *ensinamento* do movimento: *respeito mútuo é a chave*, o que possibilitou, (in)conscientemente, rimas deslegitimadoras de MC's passarem despercebidas pela organização do evento, como foi o caso da rima: *geral conhece ela, truta, eu sou artista! Rafa Black na pista é a maior vitimista*. O MC não passou para a próxima fase, no entanto, nossa preocupação se encontra nos ouvidos e olhares desatentos daquelas/es/os posicionadas/es/os como combatentes das violências estruturais, como é o caso da cultura Hip Hop.

Havia 32 vagas na edição para o Duelo Nacional 2020 e apenas 2 foram ocupadas por mulheres. Torna-se necessário pensar a ordem discursiva das violências e, para isso, precisamos participar ativamente desses movimentos e subvertê-los por meio de nossos trânsitos políticos, como foi feito pela MC Rafa Black, quando diz: *Agora sim, a gente tá em pé de igualdade, equidade, teve que colocar cota para botar mina porque aqui vocês não nos integram*. O posicionamento da MC é político. É uma *rima rara e verdadeira* que denuncia o uso indiscriminado dos jogos de linguagens que alimentam as segregações sociais.

Nessa edição, foram operadas não apenas discriminações discursivas de gênero, mas também segregações tecnológicas, seja pelas implicações políticas, econômicas e regionais que limitam compra, acesso e uso da internet por meio de uma distribuição e consumo excludente para populações periféricas. Nesse sentido, todas/es/os são afetados independente de gênero, no entanto, os agenciamentos em redes sociais que não integram as pessoas financeiramente menos favorecidas coloca a cultura Hip Hop em uma posição elitista, pois elege aqueles que podem acessar a ferramenta internet, promovendo uma redução das motivações que fez a cultura Hip Hop emergir, a participação de pessoas racializadas/es periféricas em espaços de produção cultural. Ou seja, a reestrutura dos duelos de *MC's* altera as dinâmicas em grupa/o, seleciona os que têm acesso à rede internet, reduz a participação das populações racializadas/es e repete a *mó cota*. Mesmo antes da pandemia, por outras vias engatilhadas e por diferentes motivações, as estruturas falseiam possibilidades de efetividade das *MC's* nas *batalhas*, as mais atingidas em vias identitárias, portanto sustentam uma das formas de subjugar-las e de não *reconhecer* as suas *caminhadas*.

O encontro de *MC's* em duelos de rua são linhas de fronteiras (inter)rompidas, descontínuas e transformadas pelo poder da fala, da *rima*, da *poesia* e do *improviso*. As *batalhas* de *MC's* já aconteciam antes da pandemia em aplicativos de rima e o isolamento social aumentou o acesso das pessoas conectadas pela internet, como forma de transmitir a *energia*, o *ritmo*, o *flow* e a *poesia* expressada por rimadoras/es/ies que *evoluem* pelo compartilhamento filosófico de suas *caminhadas*. Acreditamos que “*o rap é compromisso, não é viagem*” (Sabotage 2000) e, por isso, tem a capacidade de provocar rupturas e

promover construções para uma Educação não formal transformadora que repense e reaja contra as estruturas fóbicas instituídas nos afetos indissociáveis das violências de gênero.

## Referências

- Akotirene, C. 2019. Interseccionalidade. Coleção: *Feminismos Plurais*. Coordenação de Djamila Ribeiro. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 152p.
- ANTRA. 2021. *Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020*. Bruna G. Benevides, Sayonara Naidier Bonfim Nogueira (Orgs). – São Paulo: Expressão Popular. 136p.
- Atlas da Violência. 2020. *Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – IPEA 2020*. Acessado em: < <https://dx.doi.org/10.38116.riatlasdaviolencia2020> >
- Bruno, F. Máquinas de ver, modos de ser: vigilância, tecnologia e subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 190 p. 2013.
- Buzo, Alessandro. 2010. *Hip hop: dentro do movimento*. Rio de Janeiro: Aeroplano.
- Evaristo, Conceição. 2015. *Olhos d'água*. Rio de Janeiro: Pallas Editora.
- Fanon, F. 2010. *Os condenados da terra*. Minas Gerais: UFJF.
- Filho, P. F. 2019. Sujeito algorítmicos, subjetividades paranoicas: capitalismo de dados, influência, (in)dividualidades. *XXVIII Encontro Anual de Compós*, Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre- RS, 11 a 14 de junho de 2019.
- Foucault, M. 1987 [1975]. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Tradução de Raquel Ramalhe. Petrópolis: Vozes.
- Fravet-Saada, Jeanne. 2005. Ser afetado, de Jeanne Fravet-Saada. Tradução de Paula Siqueira. *Cadernos de campo*, n. 13:155-161.
- Flow, Brisa. 2018. Fique Viva. Álbum *Selvagem como o Vento*. São Paulo: ONErpm. Disponível em: <<https://youtu.be/wRUzUsTdW0o>> Acessado em Agosto de 2021.
- Jesus, J. G. 2018. De. Feminismos Contemporâneos e Interseccionalidade: Uma Contextualização a partir do Pensamento Transfeminista. *Rebeh - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura*, n. 1:5-24.
- Kilomba, G. 2015. A máscara. Tradução: Jesus, J. O. *Cadernos de Literatura em Tradução* 16:171-180.
- Gonzalez, Lélia. 2020. *Por um feminismo afro-latino americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rios, F.; M. Lima. Organizadores. Rio de Janeiro: Zahar. Disponível em: < [https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/9375/2020\\_gonzalez\\_feminismo\\_afro\\_latinoamericano.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://bibliotecadigital.tse.jus.br/xmlui/bitstream/handle/bdtse/9375/2020_gonzalez_feminismo_afro_latinoamericano.pdf?sequence=1&isAllowed=y) >
- Mignolo, Walter D. 2008. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF: Dossiê: Literatura, língua e identidade* 34:287-324.
- Peralta, Marina. 2016. *Agradece. Álbum Agradece*. São Paulo: Radar Records. Disponível em: <<https://youtu.be/6Ujj5QyMKug>>
- Sabotage. 2014 [2000]. *Rap É Compromisso* (feat. Negra Li). Álbum *Rap É Compromisso!* Edição Comemorativa. São Paulo: Cosa Nostra. Disponível em: < <https://album.link/i/1510761195> >
- Segato, R. L. 2003. Las estructuras elementales de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos. Bernal, Universidad de Quilmes.
- Segato, R. L. 2005. Raça é signo. *Série Antropologia*. Brasília, n. 373. Disponível em: < [www.unb.br/ics/dan/Serie373empdf.pdf](http://www.unb.br/ics/dan/Serie373empdf.pdf) >

Segato, Rita L. 2016. Femigenocídio como crime em el fuero internacional de los Derechos Humanos. La lucha por el derecho como contienda en el campo discursivo, in *La guerra contra las mujeres*. R. L. Segato, pp. 127-152. Madrid: Traficantes de Sueños.

## CADERNO DE SOCIOLETO

### A

**Apresentador(a/ie):** Aquela/e/o que conduz a programação.

**Artista:** Aquela/e/o que tem habilidade ou vocação artística.

**Ataque:** Rima construída para desmobilizar o adversário.

**Atitude:** (1) Aquela/e/o que *corre pelo certo*; (2) *Correria*; (3) Aquela/e/o que faz acontecer; (4) Ousadia.

**Atrasa lado:** (1) Ato contrário a uma *ideologia* em comum; (2) Atitude prejudicial aos objetivos pessoais, profissionais e coletivos/as; (3) *Zé povin*.

### B

**B-Boy:** Dançarino.

**B-Girl:** Dançarina.

**Batalha de rima:** (1) Duelo de MC's; (2) Batalha de Rap.

**Beat:** Instrumental.

**Beleza:** (1) Combinado; (2) Sim; (3) Ato de Concordar com algo; (4) Ok.

**Belê:** Abreviação de *Beleza*.

**Bonde:** (1) Faz referência a *gang* de rua; (2) Transporte Público; (3) Grupo de

participante de um mesmo *movimento*; (4) Grupo de amigas/es/os.

### C

**Cabulosa(e/o):** (1) Sinistro; (2) Adjetivo: provocar medo; (3) Aquela/e/o que não permite ninguém subjugar-la/e/o, ou seja, *entrar em sua mente*; (4) Impressionante; (5) Surpreendente e inesperado.

**Caminhada:** (1) História (pessoal e coletiva do/no movimento); (2) Trajetória; (3) *Respeito à caminhada* equivale a respeito ao *ensinamento*.

**Canal:** (1) Meio para atingir algo; (2) Caminho; (3) Plataformas Digitais, exemplo: Youtube.

**Cena:** Movimento.

**Certo pelo certo:** (1) Justiça; (2) Exemplo: “Tamu pela Ordem” equivale Certo pelo certo.

**Chave:** (1) Capaz de abrir algo ou alguma coisa; (2) refere-se a pessoa que está no caminho certo ou que *corre pelo certo*; (3) Referência.

**Cobrança:** (1) Ato de disciplinar alguém por alguma atitude contrária ao *ensinamento*; (2)

Consequência de um ato contrário à disciplina do movimento.

**Compromisso:** (1) Ato de se comprometer; (2) Compactuar; (3) Exemplo: “Tá pela ordem” equivalente a se comprometer com o movimento.

**Conduta:** (1) Comportamento Moral; (2) Código Moral; (3) *Atitude*.

**Confere o Mic:** (1) Verificar o microfone.

**Convívio:** (1) do verbo Conviver; (2) Espaço nas batalhas de MCs destinadas/es/os aquelas/es/os que mostram ter *proceder*.

**Corre:** (1) Trabalhar por algo; (2) Correr atrás de alguma coisa; (3) Estar na Luta; (4) Forma de adquirir drogas; (5) Crime.

**Corre com:** (1) Ato de quem se encontra *lado-a-lado*; (2) Refere-se a/ao *Aliada/e/o*.

**Corre pelo certo:** (1) Honrar o compromisso; (2) Respeita o *ensinamento* e a *ideologia* do movimento; (3) *Caminhada* que mostra *proceder*.

**Correria:** (1) Refere-se ao Trabalho; (2) Dia repleto de atividades *mó função, mó tabela*<sup>42</sup> Refere-se a uma pessoa de *atitude*; (3) Aquela/e/o que desenvolve suas atividades com facilidade; (4) Pessoa e/ou atividade *desenrolada/e/o*.

**Cria:** (1) Pessoa pertencente ao movimento; (2) Pertencente a quebrada, Favela, Aglomerado e periferia; (3) Protegida/e/o; (4) Irmã/o; (5) Mana/o<sup>43</sup>.

**Cultura:** Movimento.

## D

**De igual:** (1) Qualidades aproximadas; (2) Níveis de ambivalências parecidas; (3) *Mesmo Naípe*.

**Decorada:** (1) Rima repetida; (2) Rima Feita; (3) Rima copiada de outra/e/o MC.

**Desenrola(r):** (1) Descomplica(r); (2) Esclarecer; (3) Ato de fazer algo ou alguma coisa; (3) Desenvolver.

**Detonar:** (1) Arrasar; (2) Explodir; (3) Acabar.

**Disciplina:** (1) Cumprir as regras; (2) Comprometimento; (3) atitude a ser tomada; (4) Verificar: *Correr pelo certo*.

**Dispara:** (1) Rima; (2) Fala.

**Dj:** (1) Produtor Musical; (2) Responsável pela instrumental “beat”.

**Duelo:** (1) Batalha; (2) Confronto; (3) Disputa.

## E

**Em choque:** (1) Estado de medo; (2) Surpreendido; (3) *alta voltagem*, rima pesada.

<sup>42</sup> Música intitulada Vida Loka parte 1 do grupo de rap nacional RACIONAIS MC’S.

<sup>43</sup> Cria não foi uma palavra associada(e) para as travestis nas seletivas estaduais para o Duelo de MC’s Nacional 2020.

**Ensinarmento:** (1) Guia; (2) Instrução.

**Entrar na mente:** (1) Verificar a palavra *Cabulosa/e/o*; (2) Palavra que pesa; (3) Ato de convencer algo ou alguém; (4) Ideia persistente.

**Essa é a fita:** (1) Ato de indicar um acontecimento; (2) História.

**Evolução:** (1) Mudar de fase; (2) Capacidade de aprendizado com as experiências de batalhas anteriores; (3) Rima que evolui.

**Excluir:** Pessoa ou grupo de pessoas que não estão inclusas nas atividades do movimento.

**Exclusão:** Ato de excluir.

**Explicar:** Expor uma informação de forma ampla e/ou detalhada.

## F

**Família:** (1) Movimento; (2) Grupo/a. (3) Parentes.

**Família de Rua:** (1) Movimento social; (2) Movimento social da cultura Hip-Hop. (3) Coletivo/a.

**Fortalecer:** Contribuir com a *Caminhada*.

**Flow:** (1) Ginga; (2) *Ritmo*.

**Freestyle:** Improviso.

**Função:** (1) É a *Atividade* em si; (2) É o trabalho.

## G

**Galera:** Grupo/a.

**Gastação:** (1) Ato de gastar; (2) Assunto repetido em forma de brincadeira *zoas*.

**Gigante:** MC.

**Grafite:** Arte urbana caracterizado pela produção de desenhos em espaços públicos.

**Gueto:** (1) Periferia; (2) Favela; (3) Comunidade; (4) Bairro.

## H

**Harmonia:** (1) Sincronia da/o MC com *beat*, *movimento* e consigo mesmo (*Ritmo*, *Flow* e *Poesia*).

**História:** (1) Acontecimento; (2) Memória (pessoal e/ou coletiva).

**Honrar o compromisso:** Faz referência a *Correr pelo certo*.

**Hip Hop:** Movimento da Cultura de rua.

**Hype:** Fama.

**Humildade:** Sabe chegar, sabe sair.

## I

**Ideia:** (1) Ato de orientar; (2) *Viagem*.

**Ideologia:** Filosofia do *Movimento*.

**Igualdade:** Tratamento igualitário.

**Improviso:** (1) Rima feita na hora; (2) Rima Verdadeira.

**Inclusão:** Ato de incluir.

**Intercalada:** Rima diferenciada.

**Internauta:** Aquela/e/o que acompanha as batalhas de MC's pelos contextos digitais.

**Irmã(o):** Refere-se às/aos participantes do movimento como pertencentes à Família.

## J

**Júri:** Aquela/e/o que vota.

**L**

**Lado-a-lado:** (1) Aliança; (2) Corre pelo mesmo propósito.

**Lançar a boa:** Rima rara.

**Levada:** Ritmo.

**M**

**Machismo:** Estrutura de opressão que segrega mulheres.

**Machista:** Aquele que faz uso da estrutura para se beneficiar de mulheres.

**Macho Escroto:** Aquele que é consciente das opressões que comete.

**Mana:** (1) Irmã; (2) Aliada.

**Mano:** (1) Irmão; (3) Aliado.

**MC:** Mestre de Cerimônia.

**Melodia:** Sequência de notas musicais.

**Mina:** Refere-se as mulheres.

**Mona:** (1) Irmã; (2) Aliada/e. (3) LGBTQIAP+.

**Monstra(o):** MC cuja a potencialidade da rima é *Cabulosa*.

**Movimento:** Cultura Hip Hop.

**N**

**Na Moral:** (1) É verdade; (2) É sério.

**P**

**Panguar:** Ato de perder oportunidades.

**Panguando:** Perdendo oportunidades.

**Panguão:** *Raciocínio Lento*.

**Parada:** (1) Efeito de parar; (2) Bagulho; (3) Coisa.

**Parça:** (1) *Mana*; (2) *Mona*; (3) *Mano*; (4) Cara.

**Passar a visão:** Transmitir o *ensinamento*.

**Pegar a visão:** Entender a *Ideologia* do *Movimento*.

**Pente:** (1) Utensílio formado por numerosos dentes; (2) sexo; (3) surpreender.

**Pesar na Mente:** Entrar na mente da/o adversária/o.

**Pista:** (1) Rasto; (2) Sinal; (3) Trilha; (4) Lugar; (5) Área.

**Plateia:** Público.

**Pode Pá:** Rima de suporte.

**Poesia:** (1) Ato de se expressar através das rimas; (2) Rimais musicais.

**Proceder:** Conduta.

**Público:** (1) Grupo/a de pessoas reunidas/es/os; (2) Plateia; (3) *Internautas*.

**Q**

**Quebrada:** (1) Periferia; (2) Favela; (3) Bairro; (4) Baixada; (5) Aglomerado; (6) Ocupação.

**R**

**Raciocínio Avançado:** (1) Rima Rara; (2) Pensar e agir de forma rápida e pontual.

**Racismo:** (1) Preconceito; (2) Discriminação; (3) Grupos/as marginalizados/as/es; (4) Violência; (5) Crime.

**Rap:** (1) Ritmo e poesia.

**Reconhecimento:** Ato de reconhecer as atividades desenvolvidas e as pessoas envolvidas.

Representatividade:

**Respeito Mútuo:** (1) Reciprocidade de afeto.

**Responsa:** Responsabilidade.

**Resposta:** Rima construída para responder ao ataque da/e/o adversária/e/o.

**Revolução:** Mudança radical.

**Rima:** (1) Produção intelectual falada; (2) *Poesia*.

**Rima Boa:** Poesia bem feita.

**Rima de suporte:** Palavras que se repetem e facilitam as rimas, a exemplo disso, “pode pá”, “pode crê”, “meu parceiro”, “para pra pensar”.

**Rima decorada:** Verificar a palavra *Decorada*.

**Rima verdadeira:** Posicionamento honesto.

**Rimador/a/e:** MC.

**Ritmo:** (1) Particularidade; (2) Métrica Musical.

**Round:** Combate entre dois pontos de vista.

## S

**Salvador da rima:** Mestre de Cerimônia.

**Salve:** (1) Forma de chamar alguém; (2) Cumprimento; (3) Recado; (4) Saudação.

**Salve geral:** Comunicado amplamente divulgado.

**Sangue:** (1) Batalha; (2) Duelo.

**Satisfação:** Contentamento.

**Sintonia:** Conexão.

**Sistema:** (1) Sistema Político; (2) Organização do/a grupo/a.

**Skatista:** Esportista praticante de skateboarding.

**Só agradece família:** Ato de Gratidão para com as/os irmãs/irmãos.

## T

**Trajatória:** Refere-se a *Caminhada*.

**Treta:** (1) Briga; (2) Confusão; (3) Problema.

**Truta:** (1) Parceira/e/o; (2) Camarada; (3) Irmã/o; (4) Parça.

## U

**Um Salve:** (1) Saudação; (2) Cumprimento; (3) Um corre.

## V

**Visão:** (1) Mensagem; (2) *Ideologia*.

**Vitimista:** Ato de se inferiorizar para obter vantagens.

**Voto:** (1) escolha por um/a das/os adversarias/es/os.

**Vulgo:** Apelido.